

# A EXPERIÊNCIA DE HABITAR O TERRITÓRIO TEATRAL: ASPECTOS FAVORÁVEIS À CONSTITUIÇÃO DO HÁBITO DE SER ESPECTADOR

Fernanda Marília Rocha<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo estudar o tema da formação de espectadores, ou seja, como se forma o hábito de ir ao Teatro atualmente. Nesse sentido, pretende responder à pergunta: qual a diferença entre estimular o hábito e torná-lo uma experiência que gere intimidade com o território teatral? A partir dos autores Virgínia Kastrup e Jorge Larrosa, busca-se analisar conceitos como *hábito*, *aprendizagem inventiva* e *experiência* relacionando com as investigações da pesquisa de mestrado (PPGAC-UFRGS) intitulada *O hábito habitável: a experiência de ser espectador com alunos de uma escola pública de Porto Alegre*, realizada com um grupo de vinte adolescentes estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Porto Alegre, situada na capital do estado do RS, que tiveram acesso a peças teatrais ao longo de uma experiência continuada. Dessa forma, expõe os aspectos do projeto que foram favoráveis à constituição do hábito.

**Palavras-chave:** Teatro. Recepção Teatral. Educação.

**RESUMEN:** El presente trabajo tiene como objetivo estudiar la formación de espectadores, es decir, cómo se forma el hábito de ir al teatro hoy en día. En este sentido, busca responder a la pregunta: ¿cuál es la diferencia entre estimular el hábito y convertirlo en una experiencia que genera intimidad con el territorio teatral? A partir de autores como Virgínia Kastrup y Jorge Larrosa, analizaremos conceptos tales como *hábito*, *aprendizaje inventivo*, y *experiencia*, relacionados con mi investigación de maestría (PPGAC-UFRGS), intitulada *El hábito habitable: la experiencia de ser espectador con estudiantes de una escuela pública de Porto Alegre*, realizada con un grupo de veinte jóvenes estudiantes de la Escuela Primaria Estatal de Porto Alegre, ubicada en la capital del Rio Grande do Sul, quienes tuvieron acceso a diversas obras de teatro a lo largo de la experiencia. De este modo, se exponen los aspectos del proyecto que fueron favorables a la formación del hábito como espectador.

**Palabras clave:** Teatro. Recepción Teatral. Educación.

<sup>1</sup> Mestranda. Porto Alegre: UFRGS; Orientador :Prof. Dr. Clóvis Dias Massa; Professora de Teatro e Atriz.

Partindo da inquietação sobre como se forma o hábito de ir ao teatro atualmente, este trabalho se propõe a estudar o tema da formação de espectadores. Assim, pretende-se encontrar respostas para a questão: qual a diferença entre estimular o hábito e torná-lo uma experiência que gere intimidade com o território teatral?

Para iniciar é necessário, em um primeiro momento, estabelecer algumas noções acerca do conceito de *habitar o território teatral*, a que me refiro no título deste artigo. Virginia Kastrup, em *Aprendizagem, arte e invenção* (2001), através da perspectiva adotada por Deleuze sobre a aprendizagem, esclarece que, diferentemente de solucionar problemas, aprender trata-se de um processo de invenção de problemas, que atua de um modo divergente sobre nossas faculdades (sensibilidade, memória e imaginação), gerando uma experiência de estranhamento. Dessa forma, de acordo com a autora "a aprendizagem começa quando não reconhecemos, mas, ao contrário, estranhamos, problematizamos (KASTRUP, 2001, p.18)". Essa aprendizagem, denominada como *inventiva*, é circular, já que aprendizes e mestres estão sempre aprendendo a aprender. Daí também procede a ideia de que aprender é habitar um território:

Aprender não é somente ter hábitos, mas habitar um território. Habitar um território é um processo que envolve o "perder tempo", que implica errância e também assiduidade, resultando numa experiência direta e íntima com a matéria. [...] O habitar resulta numa corporificação do conhecimento, envolvendo órgãos dos sentidos e também músculos. Habito o território onde me sinto em casa, tenho habilidades e realizo movimentos que parecem espontâneos (KASTRUP, 2001, p.22).

Assim, é possível considerar que construir o hábito de ir ao teatro está ligado ao processo de aprender a habitá-lo enquanto um território, possível de ser ocupado. Nesse sentido, é necessário um movimento que se dinamize entre a frequência e a errância até que se alcance a familiaridade necessária para habitá-lo de forma fluida e espontânea. Desse modo, como propiciar uma experiência que gere intimidade entre o sujeito e o território teatral?

Na pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS intitulada *O hábito habitável: a experiência de ser espectador com alunos de uma escola pública de Porto Alegre*, realizada com um grupo de vinte adolescentes estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Porto Alegre, situada na capital do estado do RS, encontra-se algumas possibilidades para esse questionamento que procuro analisar a seguir. Os alunos tiveram acesso a peças teatrais ao longo de uma experiência continuada, assistindo a um espetáculo por mês, durante seis meses e participaram de atividades de recepção sobre as obras assistidas, como debates, entrevistas, questionários. Os sujeitos são estudantes da escola em que trabalho como professora de teatro, dentro da disciplina de Artes e participaram voluntariamente da pesquisa. Trata-se de um grupo que já praticava teatro dentro da sala de aula, porém não possuía uma experiência significativa como espectador fora desse ambiente. A escola foi escolhida como espaço de campo por se tratar de um ambiente democraticamente acessível e que se preocupa com a formação dos jovens nas mais diversas áreas do saber.

Alguns princípios que foram norteadores do projeto podem servir como objeto de estudo sobre a questão, pois eles se apresentam como possíveis aspectos que favoreceram a constituição do hábito de ser espectador nos participantes da pesquisa.

A noção de experiência, e o saber que dela se origina, foi um desses aspectos fundamentais durante o período de elaboração e prática da pesquisa. Percebi que sem essa liberdade de transitar de forma "solta" entre o território do qual partíamos a cada nova ida ao teatro (espaço da escola e do bairro em que moramos) até o território teatral, pouco conseguiríamos fluir sem concepções pré-definidas acerca do teatro e do que estávamos indo fazer ali, ou seja, o que é ser um espectador. Através da concepção de que "experiência é o que nos acontece, o que nos passa, o que nos toca (LARROSA, 2002, p.21)" o sujeito da experiência seria aquele que está aberto, entregue, "ex-posto" aos encontros e acasos. Todo o saber decorrente do que é vivido através da experiência é corporificado ao sujeito, já que se trata de um saber pessoal e intransferível. Além disso, também é imprevisível, pois ao longo da experiência é impossível prever o que vai acontecer



no momento seguinte. Portanto, é dessa maneira que me propus a conduzir o projeto, deixando-me levar e conduzir pelos acontecimentos inesperados de cada nova ida ao teatro. Assim, as situações vividas durante a trajetória serviram como molas propulsoras da curiosidade e, por consequência, da descoberta de novos saberes. O tempo de espera antes do espetáculo e o momento de volta pra casa sempre eram períodos vagos em que o "nada pra fazer" nos dava a oportunidade de vagar em conversas leves e, assim, os alunos tinham o tempo necessário de elaborar questões ao se depararem com situações desconhecidas, sem que as respostas já fossem trazidas por mim de antemão. Em um desses momentos, uma das alunas ao perceber que o saguão do teatro estava tomado de pessoas que iam assistir à peça, ela se surpreendeu e refletiu: "Eu achei que ninguém fosse ao Teatro. Até que vai bastante gente!". Desse modo, se revelou importante não condicionar a experiência às questões de aprendizagem, mas permitir que ela se realize de forma autônoma, vinculada à própria experiência.

O segundo aspecto a ser abordado é o que diz respeito às questões de convívio. Esse traço do trabalho foi muito importante e acredito que crucial no que se refere a uma proposta de formação de espectadores. Para a condução desse projeto houve de minha parte uma duplicação de papéis, o de professora e o de pesquisadora, o que garantiu um relacionamento diferenciado do que estávamos acostumados a ter em sala de aula. O tempo foi um dos fatores que nos favoreceu, já que normalmente convivo apenas 1 hora e 40 minutos com eles semanalmente (o que equivale a dois períodos de 50 minutos). O alargamento desse período de convívio proporcionou maior intimidade e a possibilidade de conversarmos sobre assuntos pessoais ou temas diversos. O fato de o nosso encontro ser no sábado, em um dia do final de semana, também gerava uma sensação diferenciada, pois era como se abrissemos um espaço-tempo da nossa vida particular para fazermos algo todos juntos. A convivência para-além dos muros da escola favoreceu a transposição dos papéis sociais e do território pessoal, já que podíamos nos enxergar como pessoas, independente da função que ocupamos, ou seja, transcendendo a relação aluno-professor. Certo dia, ao sairmos do espetáculo, encontrei meu

irmão passando na rua do teatro e qual a reação do grupo, vários perguntando "teu irmão, *sora*?", com ares de surpresa e admiração, justamente por se depararem com uma faceta de mim ainda desconhecida pra eles, a minha família. Desse modo, percebo que o desenvolvimento de vínculos de afeto e confiança tem muito a contribuir para o processo de aprendizagem de ser espectador, já que possibilita uma relação constituída de amizade e respeito, tornando o processo de aprendizagem mais saudável e prazeroso.

O último aspecto a ser abordado ainda é o de recorrência, ou seja, o que permitiu aos estudantes o contato com espetáculos teatrais ao longo de uma experiência regular. Vê-se que a frequência gera uma expectativa e uma perspectiva fundamentais para a constituição do hábito. Pelo fato de saberem que no mês seguinte haveria uma próxima ida ao teatro, se desenvolvia nos estudantes um anseio em descobrir qual seria o próximo espetáculo, imaginando como seria e do que se trataria a peça a ser assistida posteriormente. Eles passavam os dias me perguntando pelos corredores da escola "e aí *sora*, quando é que a gente vai ao teatro de novo?", revelando a ansiedade que eles sentiam ao esperarem pela próxima experiência teatral. Além disso, a recorrência também permitiu que a intimidade dos sujeitos-espectadores com a arte teatral fosse crescendo a cada novo encontro, pois pouco a pouco eles iam tornando-se mais observadores, mais críticos e mais entendedores dos códigos que constituem o fazer e o evento teatral.

Nesse sentido, para um projeto que vise à formação de espectadores mostra-se importante combinar fatores que não busquem somente estimular o hábito, de forma esparsa ou superficial, mas que almejem transformar o contato com a arte teatral em uma experiência, ou seja, que leve em conta a singularidade dos participantes e abra espaço para o imprevisível, o inusitado, o desconhecido, a inventividade e a poesia. É necessário, portanto, transformar a experiência em um costume, capaz de surpreender quem dele se aproxima e, que assim, possa tornar os sujeitos mais confiantes na "tomada de posse" do território teatral.

## REFERÊNCIAS:

KASTRUP, Virgínia. *Aprendizagem, arte e invenção*. Psicologia em Estudo, v. 6, n.1, 2001.

KASTRUP, Virgínia. *Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre*. Educação & Sociedade, v. 26, n. 93, 2005.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da Experiência*. Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr, n.19, 2002.

ROCHA, Fernanda. *O Hábito Habitável: a experiência de ser espectador com alunos de uma escola pública de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2012.

